

Rádio Esportivo Expandido em Cachoeira/BA: Emissão multiplataforma do futebol do Iguapense para iguapenses

Radio deportiva expandida en Cachoeira/BA: emisión multiplataforma del fútbol de Iguapense para iguapenses

Expanded Sports Radio in Cachoeira/BA: Multiplatform Broadcasting of Iguapense Football for iguapenses

Fellipe Moreira da Silva; Dorotea Souza Bastos

Resumo

Este artigo discute perspectivas de rádio expandido e as mutações nas formas e estratégias comunicacionais em Cachoeira, Bahia. Com o gancho em transmissões de jogos de futebol amadores da cidade, mais precisamente de um distrito chamado Santiago do Iguape, a partir da memória do rádio esportivo local, serão apresentadas reflexões sobre linguagem radiofônica expandida, convergência, web rádios, hipermídia, imagem, virtualização, possibilidades de audiência, entre outros aspectos e suas relações com o território que teve pela primeira vez na história, um time da comunidade sendo campeão municipal.

Palavras-chave: Rádio expandido; Iguape; Transmissão de futebol; virtualização

>> Informações adicionais: artigo submetido em: 10/05/2025 aceito em: 08/08/2025.

>> Como citar este texto:

SILVA, Fellipe Moreira da; BASTOS, Dorotea Souza. Rádio Esportivo Expandido em Cachoeira/BA: Emissão multiplataforma do futebol do Iguapense para iguapenses. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 02, p. 297-318, mai./ago. 2025.

Sobre a autoria

Fellipe Moreira da Silva
moreirafellipern@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-6812-7030>

Mestrando em Comunicação (PPGCOM-UFRB). Membro do Grupo de Pesquisa COMUM - Comunicação, Mídia e Narrativas de Mudança Cultural. Jornalista pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Dorotea Souza Bastos
dorotea@ufrb.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-3644-022X>

Professora do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia e do Programa de Pós-graduação em Comunicação - Mídia e Formatos Narrativos - PPGCOM/UFRB. Líder do VISU – Grupo de Pesquisa e Extensão em Arte, Imagem e Visualidades da Cena (UFRB/CNPq). Doutora em Mídia-Arte Digital (UAlg/UaB) e em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (em co-tutela).

Resumen

Este artículo discute perspectivas de la radio expandida y las transformaciones en las formas y estrategias comunicacionales en Cachoeira, Bahía. A partir de las transmisiones de partidos de fútbol amateur de la ciudad, específicamente de un distrito llamado Santiago do Iguape, y basándose en la memoria de la radio deportiva local, se presentarán reflexiones sobre el lenguaje radiofónico expandido, la convergencia, las radios web, la hipermedia, la imagen, la virtualización, las posibilidades de audiencia, entre otros aspectos y sus relaciones con el territorio que, por primera vez en la historia, tuvo a un equipo de la comunidad como campeón municipal.

Palabras clave: Iguape; Radio expandida; Transmisión de fútbol; virtualización

Abstract

This article discusses perspectives on expanded radio and the transformations in communication forms and strategies in Cachoeira, Bahia. Using the broadcasts of amateur football matches in the city—specifically from a district called Santiago do Iguape—as a starting point, and drawing from the memory of local sports radio, the text presents reflections on expanded radio language, convergence, web radios, hypermedia, image, virtualization, audience possibilities, among other aspects and their relationship with the territory which, for the first time in history, had a community team win the municipal championship.

Keywords: Iguape; Expanded radio; Football broadcasting; Virtualization

O rádio expandido e o futebol

Não apenas dos elementos da linguagem radiofônica - voz, música, efeitos sonoros e silêncio, consideradas por Ferraretto (2014), sobre (vive) o rádio. Ainda mais no segmento de “jornadas esportivas”, nomenclatura adotada por diversas emissoras para designar o momento de transmissões de futebol em sua grade de programação. Estes elementos têm seu valor de reprodução e referência, mas não do mesmo jeito de como as coisas começaram.

Com o passar dos anos, mais especificamente na última década (2014-2024), o recurso único e exclusivamente sonoro, embora importante, se ressignifica. Se pensarmos nestes elementos da linguagem radiofônica sendo ampliados, é possível perceber essas mutações no alcance e como essas ondas sonoras chegam. Porque, apesar dessa linguagem ainda existir, ela não é mais emitida apenas por ondas *hertzianas*, que seriam as famosas frequências de rádio, registradas em FM (Frequência Modulada) e AM, (Amplitude Modulada). A internet e a diversidade de plataformas em que se transmite uma mesma partida de forma simultânea ganha cada vez mais força.

Além disso, o que veremos um pouco mais à frente tem o adjunto das imagens e outros elementos audiovisuais que começaram a fazer parte de algumas jornadas esportivas, não só do alcance além dos *hertz*. Falando especificamente de futebol amador, a imagem ganha uma conotação maior, porque nestes casos, diferente do futebol profissional – em que grandes empresas, a exemplo o grupo Globo, têm direito exclusivo de transmissão –, é possível filmar os acontecimentos da partida.

Rachel Neuberger (2012) e seu debate sobre rádio e convergência das mídias é um elemento caro para esta proposta. Ela mapeia, inicialmente, antes de chegar nos “dias de hoje”, que as rádios, tecnicamente, dividem-se em emissoras tradicionais: que seriam as *hertzianas* AM’s e FM’s. As rádios comunitárias, que também têm frequências em *hertz*, mas com outro cunho não comercial, além das rádios poste, com um alcance restrito à área em volta do alto falante, também apenas sonoro.

Depois dessas classificações, ela debate as distinções que identifica entre “Rádios na Web” e “Rádios Web”. Ponto importante para chegarmos no rádio expandido e, posteriormente, no futebol. A autora entende o digital como “o futuro da rádio ao alcance de todos”. Mesmo sabendo que nem todos têm acesso por diversas limitações, sejam físicas, sociais, financeiras ou outras, mas, observando a partir da ideia da expansão no alcance do que antes ficava muito limitado geograficamente falando.

Neuberger (2012), à luz dos pensamentos de Pierre Lévy, discute como a internet – que propicia tanto as rádios web quanto as rádios na web – é conhecida como ciberespaço no qual não há uma definição fixa, pela diversidade e complexidade do espaço, e no qual as pessoas têm uma infraestrutura da comunicação digital em um universo “oceânico” de informações, que fazem os seres humanos navegarem e se alimentarem continuamente.

As rádios na web oferecem seus serviços radiofônicos de forma tangível no sentido do aparelho emitir as ondas, presentes em plataformas web com alguns elementos adaptados da internet. Já as rádios web são consideradas por Neuberger (2012) um novo formato do veículo.

Pode-se dizer que é um novo formato de rádio, uma vez que não existe de forma física, apenas virtual. Nesse caso, a rádio também pode estar somente em streaming ou utilizando-se de todos os recursos disponíveis na web, como componentes gráficos, tabelas, fotografias, textos escritos, imagens de vídeo e outros elementos que complementam a informação (NEUBERGER, 2012, p. 125).

Tal percepção converge com o pensamento de Santaella (2003) sobre o que seria a mídia digital. Ela aponta que têm aspectos de formas interativas com capacidade de gerar sentidos voláteis e polissêmicos. Com uma participação ativa e possível do usuário ou receptor, Santaella (2003) aponta que “a convergência das mídias diz respeito à ligação sem precedentes da imagem fotográfica fixa com mídias que antes lhe eram distintas. Áudio, digital, vídeo, gráficos, animação e outras espécies de dados” (p. 146).

Tudo isso, necessariamente, tem a ver com formas comunicacionais e como os meios não são apenas inertes na função apenas de fazer passar uma mensagem. Nem o emissor é estático, tampouco o receptor. Neuberger (2012) ainda considera a ruptura de fronteiras geográficas como um fator importante para tornar mundial a disseminação de informação – característica notável do uso da internet. Conversando com Manuel Castells, ela cunha esse fator como “glocalização”, que seria programação local disponível de forma global.

O caráter uniforme do meio se transformou em multimídia, porque assume tanto características sonoras quanto visuais. [...] O rádio online afeta, principalmente, a forma de cultura de um povo, já que suas novas

possibilidades proporcionam não só novas linguagens, mas também maior interatividade e abrangência (NEUBERGER, 2012, p. 126).

É possível, neste debate, dialogar Neuberger (2012) com Nair Prata (2008) que apresenta reconfigurações do rádio a partir da web, seus gêneros e formas de interação. Ela aponta que, para entender o fenômeno, é preciso compreendê-lo a partir das novas tecnologias da informação que perpassam pelo advento da internet, justamente esse universo “oceânico”, abissal e complexo referenciado no início.

O elemento-chave do rádio continua sendo o som, só que agora com a agregação de novos signos nos campos textual e imagético gerados pela web. O som passa a ser o elemento definidor, o divisor de águas, o ponto de partida e de chegada da radiofonia. No rádio, o som deve ter sentido por si próprio, sem a necessidade do apoio do texto ou da imagem, como em outras mídias (PRATA, 2008, p. 71).

Essa diferenciação do rádio “puro” para o rádio na web ou webrádio nos ajuda a compreender a ideia de “rádio expandido”, trazida por Kischinhevsky. O ponto de partida é que o rádio não morreu, mas se ressignificou. O meio não é obsoleto e está muito suscetível a (re) adaptações constantes a depender dos aparatos tecnológicos da época. Juntando as questões trazidas por Neuberger (2012) e Prata (2008), a expansão do acesso da linguagem sonora para além do rádio tradicional, somado a outras características que complementam, cobrem ou dialogam com aquele determinado programa ultrapassando, o que Ferraretto (2014) coloca como elementos da linguagem radiofônica, pode ser considerado “rádio expandido”, que não é algo esgotável e, também, não é qualquer coisa que detém um aparato audível ou imagético.

Kischinhevsky (2016, p. 279) diz que “é preciso definir o rádio como um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas e transborda para as mídias sociais”. Ele destaca que a escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades e que isso determina a ideia de expansão.

A escuta se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda

(podcasting ou através de busca de arquivos em diretórios). A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias digitais que franqueiam também a produção, a edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 279).

Aliado a tudo isso, entram, também, a edição e a veiculação em outras plataformas mesmo após a sua transmissão original. Kischinhevsky (2016, p. 16) entende que esse novo ambiente midiático tem provado que “o rádio é bastante ágil na associação com mídias sociais [...] Assim, potencializa a comunicação de base sonora, que permite a realização de outras atividades simultâneas à escuta”.

O que, trazendo para o futebol, aparece como a possibilidade distinta e multiplataforma de acompanhar os jogos. Em muitos casos, narrado de forma a concordar com elementos da linguagem radiofônica de Ferraretto (2014), mas aparecendo em diversos outros meios, também ao vivo, e sendo veiculado, recortado e compartilhado em plataformas que, inicialmente, não foram projetadas para abarcar produções de rádio, como o *Youtube*, por exemplo.

Gotz (2022) à luz dos pensamentos de Jenkins (2009) afirma que o rádio seguiu o caminho da convergência e que o futebol acompanhou tudo isso através de uma espécie de “migração” para diferentes plataformas e com releituras de elementos, mesmo mantendo alguns.

Ainda que em um contexto de rádio expandido, elementos de linguagem radiofônica como a palavra, efeitos, vinhetas, trilhas, ruídos desejados ou não e o silêncio, são absolutamente válidos e explorados, independente se estão relacionados a recursos parassonoros como gráficos figuras, fotos ou vídeos (GOTZ, 2022, p. 246).

O jornalista ainda considera que as plataformas digitais atuam como agentes que potencializam a provocação de alterações no cenário das transmissões de futebol. Gotz (2022, p. 253) diz que “não apenas em um contexto de rádio expandido, o desafio de chamar a atenção de públicos para o consumo é cada vez mais complexo, fortalecendo ainda mais a teoria de que segue plena a fase de multiplicidade da oferta e de demanda radiofônica”.

É possível agregar ao debate o conceito de “campo expandido”, que foi

desenvolvido por Rosalind Krauss, em 1979, inicialmente, para apresentar novas possibilidades sobre a escultura, o que revolucionou a forma de ver e analisar as obras escultóricas ao final da década de 1970. Porém, este conceito tem sido aplicado em outras áreas, com o entendimento de que a expansão ocorrida na escultura também pode ser observada em diversos segmentos. É possível associar isso ao pensar no rádio expandido.

A autora considera que, a partir do Modernismo, as produções artísticas passaram por uma transformação, não apenas estética, e que muitas coisas que eram consideradas surpreendentes passaram a receber a denominação de escultura e que, a princípio, nenhuma dessas obras conseguiria explicar o conceito da categoria escultura, a não ser que houvesse uma maleabilidade infinita neste conceito capaz de contemplar toda essa diversidade de elementos numa mesma categoria, uma espécie de elasticidade que demonstra como uma expressão pode ser estendida, ampliada para abarcar formas distintas do conceito inicial.

De fato, a diminuição das fronteiras, que limitam os conceitos das categorias em que se encontram determinados elementos, promove uma abertura para que novos trabalhos sejam agregados a essas categorias. Segundo Krauss, esse campo nos oferece uma gama de possibilidades de atuação que não sofre as imposições de um determinado meio, dessa forma, este processo de expansão passa a ser definido não mais em relação, exclusivamente, ao meio de expressão utilizado, mas a um conjunto de combinações dentro da ampliação das possibilidades do campo.

Pode-se pensar nesse conjunto de combinações dentro das possibilidades que o campo da comunicação oferece na relação com a forma de se transmitir informações jornalísticas – neste caso, futebol via rádio. Ele não se apresenta de forma fixa e pode se articular com as linguagens e espaços que vão se constituindo e adaptando. Linguagens atualizadas que fazem sentido com a nova forma de consumir rádio, o que interfere no modo de narrar, comentar e interagir com o público, diferente de como era antes – mas, ainda assim, é

interação entre locutor e expectador. Krauss enxerga a escultura não ficando presa à definição “original”, mas, ainda assim, é escultura, como o rádio expandido, que não é somente e apenas o rádio em ondas *hertzianas*, mas, ainda assim, rádio - que vai além, inclusive, do modelo de emissão e recepção passiva e exclusiva a apenas um possível e calculado raio de audiência.

Assim, quando falamos em rádio expandido, estamos, também, aproximando os estudos de Krauss à área da Comunicação e, aliado a autores como Lévy e Jenkins, fortalecemos os conceitos de virtualização e convergência midiática.

No caso das transmissões de futebol profissional, tem-se características de linguagem radiofônicas somadas ao alcance multiplataforma e com elementos complementares ao som. Na maioria dos casos, com imagens dos narradores, comentaristas e repórteres numa espécie de bastidor e “react” da atividade de locução dentro da jornada esportiva junto a um layout de tempo, escalação, placar e comerciais da emissora. No futebol amador, a imagem da equipe de transmissão fica em segundo plano, aparecendo, em muitos casos, no início, intervalo e fim do jogo, e as imagens da bola rolando no campo são o foco. Com placar, propagandas comerciais, replays e outros elementos originalmente vistos em TV, mas com uma narração de cunho radiofônico, com excesso de descrição, entonação e jargões. Isto significa que é preciso dialogar com o público que está com imagens, entendendo também que existe um público apenas sonoro pelo dial, por aplicativos, por site, ou seja, lá por qualquer outro emissor. Esses elementos também fazem parte da ideia de rádio expandido.

Pensando o rádio expandido em Cachoeira/BA

Cachoeira é uma cidade localizada no Recôncavo da Bahia, estando a 110 km da capital, Salvador. Sua população é de 29.250 pessoas, de acordo com os últimos dados do censo de 2023, do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Historicamente, o futebol de Cachoeira sempre foi considerado amador. Os times filiados à Liga Cachoeirana de Desportos (LCD) nunca tiveram

aporte para construir uma estrutura que a Federação Baiana de Futebol (FBF) considerasse profissional. Assim como também a própria Liga, sempre disputou torneios amadores e organizou campeonatos com o mesmo cunho, pelo mesmo motivo.

Já ocorreu de times profissionais virem à Cachoeira mandar seus jogos no estádio municipal, mas eles não são originalmente sediados em Cachoeira. As transmissões de futebol na cidade começaram nos anos 1970, inicialmente por caixas de som ou alto-falantes, em torneios de bairro, e, posteriormente, na transmissão do campeonato intermunicipal de futebol pelas rádios postes. A Rádio DPR1 Vozes da Primavera fazia resenhas esportivas sobre os jogos que aconteciam, mas eles não eram necessariamente transmitidos por essa emissora. A Rádio Vox de Muritiba, cidade vizinha, foi responsável por ser pioneira nesse aspecto de transmissão na região, fazendo coberturas de jogos de Cachoeira e cidades vizinhas, com amplitude modulada (AM), mas a emissora não era sediada em Cachoeira.

Normalmente, as coberturas da Rádio Vox eram do Campeonato Intermunicipal de seleções da Bahia. Os campeonatos de bairro e o municipal raramente tinham cobertura, a não ser a transmissão de alguma ou outra final. E a audiência, geograficamente, ficava restrita no raio de Cachoeira, São Félix, Muritiba e regiões próximas.

A primeira rádio, especificamente cachoeirana, que veio transmitir jogos foi a comunitária Magnificat FM, por volta de 2002. Mas, ainda assim, sempre de um raio que era muito central na cidade, tanto no sentido geográfico quanto dos jogos que eram transmitidos. Vez ou outra alguns times de bairro, até mesmo de zona rural, mas a transmissão não chegava nessas pessoas. Em 2016, a rádio foi fechada. Já no ano seguinte, foi criado o projeto de jornadas esportivas da Rádio Web Olha a Pititinga - criado em 2014 - que está na Web e também é Web, fazendo com que, através de aplicativo, site e posteriormente o *YouTube*, se tornasse um canal multiplataforma de transmissões de eventos esportivos em Cachoeira.

Esse breve retrospecto aponta avanços tecnológicos e suas influências no

campo comunicacional, não desconsiderando as mudanças que ocorrem cultural e socialmente. Nair Prata (2008) entende esse processo junto às características que compõem o rádio expandido como uma espécie de “rádiomorfose”. O termo é uma adaptação de “mediamorfose” de Roger Fidler (1997) – uma descrição da mudança dos meios comunicacionais em áreas diversas.

Assim, poderíamos afirmar que o rádio dos anos 50, através do processo de radiomorfose, superou o impacto tecnológico do advento da TV e buscou uma nova linguagem. O veículo não morreu, apenas se transformou. Podemos afirmar que o rádio na web repete as fórmulas e os conceitos hertzianos, velhos conhecidos do ouvinte, pois é pela repetição que o público se reconhece. Mas, ao mesmo tempo, insere novos formatos, enquanto reconfigura elementos antigos, numa mistura que transforma o veículo numa grande constelação de signos sonoros, textuais e imagéticos (PRATA, 2008, p. 76).

No caso de Cachoeira, o estilo de transmissão da Rádio Web, Olha a Pititinga repete algumas fórmulas *hertzianas*, embora seja e esteja na web, entretanto, com a soma de outros elementos. Os signos sonoros de efeitos sonoros, música, voz e silêncio, descrito por Ferraretto (2014), aparecem: a voz dos locutores, as músicas de trilha sonora da jornada esportiva, o silêncio entre algumas inserções e os efeitos sonoros (vinhetas dos times, tempo, placar, comerciais, etc). Como citado por Prata (2008), como uma constelação de signos, o sonoro soma-se ao textual, presente na tela e ao próprio imagético com a filmagem das tramas ocorridas nos jogos.

Para compreender de forma mais detalhada alguns pontos comparativos do que é considerado rádio tradicional e os fenômenos do rádio expandido via internet, Nair Prata (2008), em diálogo com Ortriwano (1985), lista algumas características e as analisa pensando justamente no que justifica o termo “expansão”.

A começar pela oralidade, em que, tradicionalmente, a única forma de receber a mensagem é escutando. Desde que seja possível ouvir, torna-se algo exclusivo. Entretanto, a autora observa que o rádio expandido digital também conversa com elementos textuais e de imagens. No caso do futebol, o que era apenas a narração coberta com paisagens sonoras de rádio e seus efeitos, torna-

se uma transmissão audiovisual em várias plataformas.

Depois, a autora identifica o poder de penetração, em que, geograficamente, havia um limite. As rádios FM's eram ainda mais limitadas que as AM's. Geralmente, sobrevoava uma cidade, com alguns pontos de melhor sinal, outros de menos. Em alguns casos, alcances regionais ou mais, porém dependia da potência do transmissor. De todo modo, havia limites. O que se expande com as webrádios pelo seu alcance mundial, onde se pode, teoricamente, acessar de todo planeta, mesmo levando em consideração que, haver possibilidade de acesso, não significa que todos tenham condições de acessar. Trazer isso para Cachoeira, é pensar que, tecnicamente, hoje é possível que pessoas de fora da sede, como os moradores de Santiago do Iguape, por exemplo, tenham a possibilidade de acompanhar as transmissões.

Na questão da mobilidade, pensar na facilidade de adentrar ao local dos acontecimentos e emitir, é considerado mais fácil. Ainda mais que, com apenas um celular e sinal de internet/telefone, é possível fazer uma transmissão. A questão do imediatismo dialoga com ambos, também. A respeito do baixo custo, a autora debate sobre pontos que são inacessíveis para parte da população, que não tem condições de ter um aparelho, notebook ou internet, quanto da questão de saber manusear esses aparatos.

Já sobre instantaneidade, a diferença apontada por Nair Prata (2008, p.28) é que "a mensagem precisa ser recebida no momento em que é emitida. Se o ouvinte não estiver exposto ao meio naquele instante, a mensagem não o atingirá. Não é possível deixar para ouvir depois". E no caso das webs, há novidades em que permitem, tanto no áudio, quanto no vídeo, acesso posteriormente, inclusive, recortes para veiculação em outras redes que não as originais da emissão.

Há alguns anos, não havia qualquer dificuldade para uma definição básica de cada uma das mídias mais presentes na vida da população. Mas após o advento da web, o que parecia simples ficou complicado, pois não é fácil submeter a um enquadramento linguagens tão semelhantes. Hoje, certamente, ainda não se pode falar que há uma convergência propriamente dita, mas em tendências convergentes, já que é tudo ainda muito incipiente (PRATA, 2008, p. 69).

A autora também discute sobre sensorialidade e autonomia, evidenciando o envolvimento com o ouvinte e a imaginação, que se reconfigura a partir da inserção de imagens e outros formatos. Compreender algumas dessas características nos ajuda a adentrar no fenômeno midiático do rádio expandido para Santiago do Iguape.

Estratégias contemporâneas: emissão expandida do Iguapense para iguapenses

Santiago do Iguape, considerada por alguns moradores um distrito de Cachoeira, e/ou uma zona rural, para alguns pesquisadores, é nomeada como uma Vila de Pescadores e, também, comunidade quilombola (reconhecida pela Fundação Cultural Palmares), situada a 40 km da sede cachoeirana. Segundo Ana Paula Cruz (2012), aproximadamente 2.500 habitantes residem por lá.

A Associação Desportiva Iguapense (ADI), fundada em abril de 1998, é uma agremiação esportiva amadora pertencente a Santiago do Iguape. Time que normalmente disputa torneios na própria comunidade e também o campeonato cachoeirano, que reúne times de bairro e de distritos para disputar e descobrir qual o melhor time da cidade naquele respectivo ano, o Iguapense disputa o campeonato cachoeirano desde sua criação, mas jamais havia conseguido conquistar um título. Em 2024, conseguiu este feito inédito, em uma disputa na grande final contra o time do Amelc, da Ladeira da Cadeia.

Pela primeira vez na história, um time de Santiago do Iguape foi campeão do torneio e isso foi transmitido no contexto do rádio expandido para os iguapenses, moradores e torcedores da equipe. A Rádio Web Olha a Pititinga começou a transmitir o campeonato com imagens em 2023, mas o iguapense não conseguiu boa campanha naquela oportunidade. Entretanto, no ano seguinte, conseguiu levantar a taça.

A emissora transmitiu todos os jogos da campanha do time, não apenas a final. Foi a oportunidade, para muitos moradores, de poder ouvir e assistir aos jogos da sua equipe que, em anos anteriores, raramente era transmitida e,

quando era, o sinal alcançava apenas o centro de Cachoeira. Para acompanhar o time, necessariamente era preciso atravessar os 40 km e ir assistir aos jogos que são sediados no Estádio Municipal 25 de Junho, às margens do Rio Paraguaçu, na sede.

Não foi possível quantificar a audiência da Pititinga nas outras plataformas que opera (rádio web em site, aplicativo, site radiosnet, Facebook e outros), porém, em seu canal “Olha a Pititinga!”, na plataforma Youtube, somando as transmissões de todos os jogos do Iguapense, foram contabilizadas 11.100 visualizações.

Destaque para a partida entre Iguapense versus Flamenguinho do Iguape (outro time da cidade), jogo considerado clássico, de grande rivalidade. A partida, em 2024, aconteceu no feriado de primeiro de maio (dia do trabalhador). Em entrevista no final do jogo, um dos responsáveis pelo time do Iguapense, Zé Dias, proferiu as seguintes palavras: “Queria agradecer a Rádio Web Olha a Pititinga e toda a equipe por essa linda cobertura. Lá, o pessoal do Iguape, me ligando agora dizendo que estavam assistindo. Isso é coisa que não tem preço. No passado [não era possível], mas agora a gente tá vendo aí [acontecer]”.

Essa fala reflete no debate sobre a expansão do rádio e as possibilidades de acesso. Também fortemente marcado pela identidade e os afetos sociais e culturais das especificidades dos modos de vida de Cachoeira. Alguns desses aspectos foram por nós identificados, também, na fala dos locutores em alguns momentos da transmissão, a exemplo da narração de Antonio Morumbi ao gol do título do Iguapense: “Se o pajé brilhar, o Iguape todo explode em emoção. Tá nos pés dele o título inédito para a bacia do Iguape. Autorizado pela arbitragem, tomou pouca distância, partiu pajé, de perna direita... é Campeão!!! Gol do Título! Pode comemorar, torcedor do Iguapense!”. Os jogadores, em festa, comemoravam e falavam que a Bacia do Iguape tinha muitas estrelas e que isso precisava ser mostrado.

Chamar de Bacia do Iguape é uma forma “carinhosa” de chamar a comunidade que fica localizada às margens da Baía do Iguape, referência aos

pescadores e aos membros da comunidade, como foi possível, também, identificar na narração de um dos gols do Iguapense, ainda na primeira fase, feita por Fellipe Moreira: “É gol do time amarelo da Bacia do Iguape, é do Iguapense!”.

Tal referência é igualmente percebida no emblema do time, que possui alguns desenhos de peixe à sua volta, conforme Figura 1:

Figura 1. Emblema do Iguapense



Fonte: Iguapense, 2023.

Imagem e virtualização: corpo, voz e emoções

Se a narração do rádio tradicional nas transmissões de esporte tinha a única forma de adentrar pelo aparato sonoro e o ouvinte tinha que imaginar as imagens que estavam acontecendo, com o rádio expandido, sobretudo no futebol amador, as imagens do jogo entram em cena para acontecer um misto de possibilidades de acompanhar a partida, mas não somente escutar e imaginar, para quem tem essa possibilidade.

É inevitável falar de imagens, sobretudo de imagens técnicas, que, segundo Flusser (1983), são aquelas produzidas por aparelhos. Embora, especificamente ele se atenha a fotografias em sua obra, é possível fazer articulações com a temática trazida aqui do rádio expandido com imagens. O autor fala que as imagens técnicas sucedem os textos altamente evoluídos. Associamos esse texto, neste caso, à oralidade exclusiva utilizada antes da expansão do rádio. As imagens técnicas seriam a utilização das cenas para a

construção das narrativas do jogo. Elas ultrapassam os textos que, para a época, já eram considerados evoluídos, acabam representando o mundo dentro da possibilidade de influenciar na interpretação, neste caso dos ouvintes, telespectadores e torcedores.

Porque há uma confiança na imagem técnica como se fosse nos próprios olhos em uma possível representação da realidade. Fazendo um gancho pensando na transmissão multiplataforma e audiovisual, entendemos que vai além da representação visual, porque dialoga com os modos de ver. Neste caso, os modos de ver de Santiago do Iguape – mas não somente, os modos de ouvir, de sentir, de interpretar os lances e dos debates gerados a partir disso.

Associamos também as falas de alguns dos jogadores do Iguapense, quando do título de 2024, que a Bacia do Iguape tem muitos talentos e isso precisa ser mostrado. O que acaba gerando, posteriormente, além de toda a possibilidade de visualização e escuta, uma espécie de portfólio individual e coletivo do campeonato, do time e dos jogadores, que podem, a partir da transmissão, recortar lances e fazer veiculação em outras redes, em prol de uma divulgação do trabalho.

Neste debate, é possível levar em consideração também que as imagens técnicas perpassam por decisões técnicas. Tudo tem um lado humano. As imagens não se fazem sozinhas, apesar de que os aparelhos mais modernos podem ser programados para “gravarem sozinhos”, entretanto, sempre reféns de uma manipulação. E no caso do futebol, não há como transmitir um jogo sem decisões técnicas da representação da imagem. Então, existe um conflito com a própria narração que seria o texto oral, inicial e exclusivo. O estilo radiofônico entra em conflito porque o audiovisual complementa, mas, ao mesmo tempo, há uma preocupação em falar com os vários públicos que estão sendo transmitidos e de não perder nenhum deles.

Além da preocupação também de não brigar com a imagem, neste caso específico, o narrador não sabe qual a imagem está indo para o ar porque ele só está narrando o jogo por não haver retorno de imagem. Claro que existem

emissores que têm retorno, mas não é o caso deste. E existem diferenças na qualidade técnica da imagem em comparação ao ideal de transmissão das práticas comuns oriundas das referências da TV. Mas, ainda assim, são feitas por aparelhos. Vale considerar que a falta de ângulos em comparação a imagens audiovisuais de grandes TVs mostra que existe uma limitação na visão e na interpretação do espectador, então, mais do que nunca, tudo é muito guiado pelas mãos daquela única lente que compartilha os acontecimentos e os ocorridos do jogo. Imagens técnicas com decisões técnicas, desde os zooms, ao que não é mostrado, à escolha de um replay e à escolha de um desfoque – e outros possíveis movimentos de manipulação das imagens dentro da transmissão esportiva.

Pensar imagens, neste caso, também é pensar na virtualização dos corpos, das vozes, das emoções, do sentir. Da representação da felicidade ou tristeza, através de uma narração ou da própria manifestação dos atletas envolvidos no campo, virtualizado através da imagem. Pierry Lévy (2011) questiona o que seria a virtualização e chama a atenção para não separarmos o real e o virtual, como se fossem coisas distintas. É possível separar coisas tangíveis de aspectos digitais, do que se pode tocar ou não, mas, também, a representação de vontades, desejos, imagens, sensações.

Essa função é claramente externalizada pelos sistemas de telecomunicação. O telefone para a audição, a televisão para a visão, os sistemas de telemanipulações para o tato e a interação sócio-sensorio-motora. Todos esses dispositivos virtualizam os sentidos (LÉVY, 2011, p. 13).

A virtualização dos sentidos, nesta situação, associadas aos sentidos que dialogam com as emoções e especificidades do futebol ganha corpo. Lévy fala que os aparelhos podem virtualizar as sensações de outra pessoa em outro momento e lugar. O que também conversa com Flusser e seus pensamentos sobre imagens e decisões técnicas – e as funções dos aparelhos.

Santaella (2003) conjuntamente discorre sobre aspectos nesse sentido. Ela define a participação corporal dos sujeitos na relação com as mídias como “plug”, debatendo que, quando os corpos estão plugados, necessariamente tem

um nível de imersão.

Quando se usa o computador, por exemplo, simplesmente para escrever um texto, até o nível mais imersivo que se dá nas cavernas de realidade virtual. O corpo fica plugado no computador enquanto através do adição dos sentidos: visão, tato, especialmente a mente, navega através de conexões hipertextuais e hipermediáticas. (SANTAELLA, 2003, p. 202-203).

Entretanto, não significa que, se uma coisa é virtualizada, ela deixa de existir em um mundo para aparecer no outro. Ver um jogo através de uma transmissão, é poder olhar para o mundo dentro e fora da tela. Assim como ouvir só o rádio não impede de escutar outros ruídos e sons do cotidiano não transmitidos pelas ondas sonoras.

Pensando nas transmissões de futebol, mais especificamente do time do Iguapense, a narração do jogo (linguagem oral) não significa que a voz de quem descreve deixa de existir num lugar. Ela acaba sendo dividida, entre a projeção no espaço tangível em que o corpo está, e, consequentemente, a voz/corpo se virtualiza através dos aparatos do microfone, atingindo diversos lares e aparelhos de recepção, que podem estar plugados em fones de ouvido, em caixas de som, alto falante comum do próprio aparelho ou alguma outra configuração, inclusive, sendo acelerada, caso se queira acompanhar desta forma (o recente e já famoso 2x).

A projeção da imagem do corpo é geralmente associada à noção de telepresença, mas a telepresença é sempre mais que a simples projeção da imagem. O telefone, por exemplo, já funciona como um dispositivo de telepresença, uma vez que não leva apenas uma imagem ou uma representação da voz. Transporta a própria voz. O telefone separa a voz e o corpo sonoro do corpo tangível e a transmite à distância. Meu corpo tangível está aqui, meu corpo sonoro desdobrado está aqui e lá (LÉVY, 2011, p. 14).

Neste exemplo do telefone, se ilustra a questão comentada acima. Além da representação da voz, há o transporte da própria voz e, consequentemente, do corpo, entre corpo tangível e sonoro, assim como a voz dos torcedores que saem no fundo da transmissão em cânticos nas arquibancadas. Quem está no estádio tende a escutar as músicas e os gritos empolgados. Os microfones acabam

vazando, virtualizando e projetando isso também para outros aparelhos. Mas não anula as presenças tangíveis.

É possível pensar isso também através de outros elementos, seja a voz pré-gravada para vinheta, os comentários, as reportagens, as entrevistas com jogadores e afins. A virtualização também acontece se pensarmos na telepresença dos corpos em cena dentro do campo que, para além da descrição em uma narração radiofônica, estimula o imaginário. As imagens técnicas virtualizam as movimentações das práticas de futebol.

Portanto, o corpo sai de si mesmo, adquire novas velocidades, conquista novas espaços, verte-se no exterior e reverte a exterioridade técnica ou a alteridade biológica em subjetividade concreta. Ao se virtualizar, o corpo se multiplica (LÉVY, 2011, p. 17).

Compreender as dinâmicas em tempo real com os avanços é uma utopia. Mas, ainda assim, a ciência é um elemento primordial para compreender vários aspectos, não só técnicos como de modos de vida. Pensar o rádio expandido e seus processos é algo complexo, porque as dinâmicas não são lineares. Santaella (2003) recupera a dinâmica de cultura midiática do legado de Walter Benjamin (1985) trazendo, em ordem: a) produção; b) conversação com produtos culturais ligados à memória; c) circulação e difusão ligadas a distribuição; e d) a recepção e absorção pelos receptores.

Só que esse esquema não funciona como regras matemáticas ou receitas de bolo quando se fala em tantas simbioses de diferentes mídias, transmissões, plataformas e aparatos tecnológicos. Santaella (2003, p. 56) diz que “hoje, todas essas referências tendem a se misturar numa trama muito complexa e à primeira vista indiscernível”. É possível pensar o onde e o quanto ela é produzida – Cachoeira, 2024, o como é através de jornadas esportivas multiplataforma. O para quem ela se destina é muito amplo – não seria apenas para a comunidade do Iguape, embora fosse o público alvo – assim como as implicações subjetivas, as simbologias das recepções e os pontos de vista culturais, identitários, afetivos em relação à audiência são bastante complexos e cheios de variáveis. Porém, ampliam possibilidades de ser e estar na relação com os engajamentos que

fazem alguém praticar, assistir, torcer ou acompanhar partidas de futebol.

Considerações finais

Nota-se que o rádio expandido não se esgota nessa discussão, tampouco na relação com o futebol. Ele apresenta tantas possibilidades que tornou possível, neste artigo, colocar autores de diversas áreas, incluindo artes, para conversarem e agregarem diversas perspectivas sobre o assunto. O rádio está e estará em mutação e ressignificação. O rádio esportivo, sobretudo com a possibilidade de visualização e escuta em muitas plataformas, tenta se encaixar cada vez mais nas propostas atualizadas em prol de audiência e engajamento.

Os pensamentos de Santaella (2003) ajudam a ilustrar essas múltiplas possibilidades: “novas sementes começaram a brotar no campo das mídias com o surgimento de equipamentos e dispositivos que possibilitaram o aparecimento de uma cultura do disponível e do transitório” (p. 15). Ou seja, tudo muito imediato, rápido, interativo, assim como seus próprios avanços. Não um breve, passageiro ou provisório no sentido da palavra como se tudo se fosse, mas a atualização da própria atualização a cada instante, em que as disponibilidades são inúmeras, como, por exemplo, de ver e rever uma partida, gravar, recortar, compartilhar, eternizar – diferente das ondas de rádio *hertzianas* que se iam com o tempo e só era possível escutar uma vez e ao vivo.

A autora também comenta sobre essas linguagens que são criadas para circular e propiciar a escolha e o consumo, em contraponto ao consumo massivo – partindo de uma única maneira de acompanhar. De você estar sujeito ao que uma única mídia de forma particular e fixa exhibe, como Santaella diz: “a cultura das mídias nos arrancou da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar” (2003, p. 16).

A emoção da torcida do Iguapense foi virtualizada. A voz da narração dos jogos, a comemoração dos jogadores, a felicidade dos dirigentes, a marca, o emblema, as cores. Não entendendo o veículo como um salvador da pátria ou

algo isento de interesses comerciais. Entretanto, compreendendo a potência do rádio expandido e de como ele oferece distintas possibilidades para, neste caso, um povo que sequer imaginou que seria possível a exibição de seus jogos, sobretudo, para os seus.

Referências

- CRUZ, Ana Paula Batista da Silva. Costurando os retalhos: um estudo sobre a comunidade Santiago do Iguape. In: **Encontro Baiano de Estudos em Cultura, 3., 2012, Cachoeira**. Anais [...]. Cachoeira: UFRB, 2012. p. 1-13. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/39620/3/Tese%20de%20doutorado%20Ivana%20Tavares%20Muricy.pdf> Acesso em: 02 jan. 2025.
- FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: teoria e prática**. Summus Editorial, 2014.
- FIDLER, Roger. **Mediamorfosis**. Barcelona: Granica, 1997.
- FLUSSER, Vilem. **Filosofia da caixa preta**. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.
- GÖTZ, Ciro Augusto Francisconi. **A narração de futebol no contexto de rádio expandido**. 2022, x f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) - Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2022.
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cachoeira**. População. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/cachoeira/panorama> Acesso em: 25 jan. 2025.
- IGUAPENSE, Associação Deportiva. **Emblema atualizado**. Instagram: @ec.iguapense. [s.l]. mar.2023. Disponível em: <https://www.instagram.com/ec.iguapense?igsh=MTBxdmR1eWo4ZnN4YQ==>
- KRAUSS, Rosalind. **Sculpture in the Expanded Field**. October, Vol.8, Spring, p. 30-44, 1979.
- KISCHINHEVSKY, Marcelo. **Rádio e mídias sociais: mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação**. Mauad Editora Ltda, 2016.
- LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.
- NEUBERGER, Rachel Severo Alves; **O rádio na era da convergência das mídias**. Editora UFRB, 2012.
- OLHA A PITITINGA. Olha a Pititinga, Tv e Rádio. Youtube. 27 de Novembro de 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/@olhaapititinga1603> Acesso em: 26 jan. 2025.

PRATA, Nair. **Webrádio**: novos gêneros, novas formas de interação, Belo Horizonte, Insular, 2009.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

Agradecimentos

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pela concessão da bolsa de estudo de mestrado no Programa de Pós Graduação em Comunicação, Mídia e Formatos Narrativos (PPGCOM/UFRB) que possibilitou a realização deste trabalho.